

Muito antes da explosão pessoal, em 1953, ela publica o seu primeiro estudo sobre o poeta. Desde então não cessou o seu entusiasmo, vindo a organizar as Obras Completas para a Aguilar e a estar na origem da publicação de *Livro do Desassossego*. Era a entrevista que faltava. O JL foi ouvir

# Maria Aliete Galhoz: "O deslumbramento sobrepôs-se à humildade"

**«Jornal de Letras» — Dr.ª, comecemos pelo fim: como é que lhe surgiu o *Livro do Desassossego*? Foi escolha sua?**

**Aliete Gallóz** — Em 1960, depois de eu ter preparado a Obra Poética de Pessoa para a Aguilar, do Rio, o coronel Caetano Dias, cunhado de Fernando Pessoa, numerou os fragmentos do *Livro do Desassossego* que me entregou, para ir trabalhando, e foi posta a hipótese de ser publicado com um estudo de Jorge de Sena; tendo eu sido então incumbida de dar uma ajuda a Jorge de Sena. Passei quinhentas páginas à máquina e mandei-lhe fotocópias e microfines do restante, mas porque o material era muito difícil de tratar, Jorge de Sena foi adiando até que declinou a edição. Então a família e a Ática acharam que eu era a pessoa indicada para levar a cabo a tarefa, o que muito me honrou mas eu tinha consciência de que um trabalho de tal envergadura não era tarefa para uma pessoa só e apelei ao prof. Jacinto do Prado Coelho para que o tomasse à sua responsabilidade. Foi o prof. J.P.C. quem agregou ao projecto a dr.ª Teresa Sobral Cunha; embora eu sabendo que de certo modo renunciava a um estudo que muito me apaixonava, estava consciente de que o empenhamento me ultrapassava e interessava-me mais o rigor e a realização do que as minhas ilusões pessoais...

**P. — Bernardo Soares associa a renúncia à libertação. E suponho que é o mesmo B.S. (cito de memória) que diz: «descobri que ler é uma espécie escrava de sonho. Se tenho que sonhar, porque não os meus próprios sonhos?» Deixa sonhos incólumes o esgravatar na arca de Pessoa, ou exige uma renúncia, uma humildade no seu limite, como a dos medie-**

**vos monges copistas?**

**R. —** O deslumbramento do que fui descobrindo foi-me de tal modo superior que a minha entrega não teve nada a ver com a humildade, impôs-se... Foi mais um carinho, um assombro, que não me deixaram escolher. Embora deva dizer que foi um carinho com características de ingenuidade que ainda hoje mantenho. Repare, eu li-o pela primeira vez com treze anos e de imediato o achei um **homem bom...** espantava-me que num homem tão sofrido como ele, com uma tão evidente pulsão de morte, não houvesse ressentimento. Vou-lhe contar uma coisa que observei nos papéis algumas vezes, as suficientes para o ter anotado. Nos seus escritos taquigráficos, mediúnicos, quando ele sentia avanços no conhecimento de alguns segredos, o seu sofrimento, a sua dor, deviam ser tão grandes, que encontrei escrita esta frase, aparentemente desconectada, **«Do not worry»**. E à frente este desenhinho seguido de algarismo: 8. Aparece no decurso de uma sequência normal de escritas normalmente decaindo de vivacidade, vacilante mesmo, e onde a própria grafia é afectada, como se regredisse para os traços inseguros da adolescência... e em poemas também aparece isto. A sua vida deve ter-se tornado agónica, entrou numa zona crepuscular, e quando os especialistas do ocultismo dizem que ele tinha medo... compreende, essas coisas da serenidade têm-se quando se é novo...

**P. — Depois de todos estes anos de convívio ao confrontar-se com mais um inédito... Pessoa ainda a surpreende?**

**R. —** Eu sou uma leitora de Pessoa e incidentalmente uma trabalhadora de Pessoa, não sou uma especialista...



Maria Aliete Galhoz: uma paixão por Pessoa

**P. — ... se quiser então, como leitora, em termos emocionais, este Pessoa em perpétua gestação ainda lhe suscita espantos?**

**R. —** Em relação à poesia e eu conheço a obra de Pessoa, mesmo o que está inédito, a minha atitude é aceitar com expectativa e interesse. Aceito, não faço comentários.

**P. — Não desisto, dr.ª. Saiba, a arca de Pessoa faz-me lembrar o «Livro da Areia» de Borges. Só que aí a personagem, horrorizada pelo infinito, decide-se por perder o livro e esquecê-lo. Em sua opinião é um Pessoa pleno aquele que se ameaça expor ao não deixar nada por publicar, ou é um refúgio, um resíduo que só empobrecerá a obra do poeta, vulgarizando-lhe os processos?**

**R. —** O próprio Pessoa tinha consciência disso, havia até um embrulho, dos atados e feitos por ele, que tinha a tinta preta, em grandes letras **BAD**. Noutros escrevia, genericamente sobre o conteúdo, **OLD THINGS...** ali, o ter apostado **BAD** significaria que considerava serem coisas, no mínimo, a refazer. Quando se fez o inventário, as coisas foram metidas em envelopes mais pragmáticos e não foram averbadas as informações de Pessoa sobre a sua própria obra e qualidade

da mesma. Isso é uma perda porque se teria uma indícula do próprio autor sobre o imenso acervo das suas obras...

**P. — Mas ele guardava mesmo tudo?**

**R. —** Ele guardava tudo, mas tudo dos seus papéis. Olhe, encontrei quando os estudava, por ex., o retrato de um gato, o convite para o casamento de Casais Monteiro e até um recado da mulher a dias, dizendo que a sopa estava feita e bastava aquecer. Também vário é o suporte onde escreveu: papel de ofício, papel de almoço, papel manteiga, guardanapos, linguados de papel, papel de embrulhar bolos, que ele cortava em oitavos... tudo lhe servia. Neste aspecto foi importante o microfilme porque é material facilmente degradável, imagine lápis sobre guardanapo de papel...

**P. — E do que conhece, há originais por revelar que sejam tão importantes quanto o que já está publicado? Vamo-nos maravilhar de novo?**

**R. —** Eu acho que na prosa deve haver coisas importantes que ainda não saíram... Na poesia, daqui por diante tratar-se-á mais de material para um aparato editorial...

**P. — Necessário?**

**R. —** Como suporte crítico todo o conhecimento de Pessoa é justo. E, neste sentido, mesmo as coisas mais insignificantes, as repetições, etc... Refletem o estádio de uma busca genética, indicial, em que Fernando Pessoa procede por tentativas, de um modo não digo preguiçoso mas às vezes dir-se-ia, sonolento. Numa edição antológica estes elementos serão dispensáveis, mas são indispensáveis a uma edição crítica. E é bom sabermos que o projecto do Ivo Castro prevê uma edição crítica, em certa medida absoluta, que vai estancar este cor-

ropio editorial, embora preveja também uma edição vulgata, para circulação maior.

**P. — Diz a dr.ª Maria Alzira Seixo que a edição da Ática, do L. do D. enferma de «incongruências, que são várias e por vezes gritantes». Quer comentar?**

**R. —** Confesso que foi tão angustiante, envolveu tanta dor, o trabalho do «Livro do Desassossego» que não tive coragem para fazer uma revisão como sempre fiz com os meus exemplares de trabalho em coisas em que tenha participado. No caso do L. do D. não sei se a dr.ª Teresa Sobral Cunha o fez; eu só com Teresa Sobral Cunha e em consenso o faria... Eu distanciei-me e não tive coragem de lhe pegar pelo que não fiz o controlo da edição em relação às matrizes... Admito que há saltos na escrita do L. do D., há extrema dificuldade na decifração e é natural que hajam falhas de leitura que nem talvez a quase divinatória capacidade de decifração da dr.ª Teresa Sobral Cunha tenha resolvido em absoluto. Quanto a incúria ou desleixo, ou falta de cuidado na revisão de provas será factor mínimo, tantas vezes as repasámos...

**P. — E a dr.ª, que tem uma certa veteranía em relação ao Fernando Pessoa, como é que vê todo este alarde, como é que encara em ano de comemorações, esta «festa necrológica»?**

**R. —** Eu abstenho-me de comentar. É um centenário e celebra-se; outras figuras merecem celebração e é natural que a venham a ter. Agora, o certo é que toda a inflação mercantil e o delírio que se junta à volta das coisas é um erro, uma falha inerente à própria estratégia consumista. A agitação é sempre ambígua, espúria, as coisas descambam, descaem e é impossível controlar-se. Por outro

lado, não fazer a homenagem cívica e fazer só, fechadamente, a académica, também não estava certo...

**P. — Prepara outras edições de Pessoa? Já me disse que era outro o seu trabalho: agora o que é que a apaixonava?**

**R. —** Estou a trabalhar com o prof. José Augusto Saraiva para a edição do Pessoa ortónimo nas edições *Archive*, que é um organismo governamental ligado à UNESCO. Vai ter dois volumes. O 1.º volume é a *Mensagem* e os poemas de tipo hermético... eu só tenho a responsabilidade da fixação dos textos herméticos e do aparato crítico, com colaboração da professora Ivette Centeno e do prof. José Blanc... o 2.º livro é o resto da poesia ortónima, mas não exaustivamente, que tal não se conhece ainda... Por outro lado, estou ligada ao *Inic* e a um projecto de recolha e estudo da literatura oral popular e aí incide o meu trabalho, que é apaixonante.

**P. — A dr.ª deu-me o pretexto para acabar. Diga-nos, as quadras ao gosto popular de Pessoa...**

**R. —** Quanto a mim as grandes quadras estão na restante poesia ortónima. As quadras obedecem à mesma cadência da poesia popular mas são raras as que atingem a craveira da quadra que rolou... Uma coisa que ele mantém muito nas quadras é a rima mas só nos versos pares, o que é característico das quadras populares. As quadras populares são coisas que ficam na retentiva e as lapidares de Pessoa estão no resto da sua obra e não nas *Quadras ao gosto popular*, como aliás uma vez pude comprovar ao ouvir um taxista recitar *O Poeta é um fingidor...*

António Cabrita

**A Poesia de Fernando Pessoa (2.ª ed.)**  
de Adolfo Casais Monteiro  
Org. de José Blanco  
Esc. 1100500

**O ALIBI INFINITO**  
O Projecto e a Prática na Poesia de FERNANDO PESSOA

**O Alibi Infinito.**  
O Projecto e a Prática na Poesia de Fernando Pessoa  
de Ettore Finassi-Agro  
Tradução de Amílcar M. R. Guerra  
Esc. 1500500

**LIVROS DA IMPRENSA NACIONAL**

IMPRENSA NACIONAL - CASA DA MOEDA